

Uma Cruz tornada signo de crescimento,
ao mesmo tempo que de resgate,
é a única com a qual poderá
de ora avante persignar-se o Mundo.

O CRISTO EVOLUTOR*

OU UM DESENVOLVIMENTO LÓGICO DA NOÇÃO DE REDENÇÃO¹

Advertência

- I. Uma perspectiva nova em Ciência: a Humanização.
- II. Um conflito aparente no Pensamento cristão: Salvação e Evolução.
- III. Um progresso teológico em vista: a face criadora da Redenção. Observação final. Apêndice: Pecado Original e Evolução.

ADVERTÊNCIA

As páginas que se seguem não se destinam ao «público», mas apenas a «profissionais». Houve quem me censurasse por ter difundido imprudentemente, no passado, algumas concepções cuja novidade tendia a perturbar e extraviar certos espíritos mal preparados para as receber ou as criticar. Aqui, não é à massa crente ou descrente que vou falar, para tentar franquear-lhe um campo amplificado, interminável, de adoração; é antes aos meus pares em filosofia e em teologia que me dirijo, na esperança de os fazer tomar consciência de um estado de coisas que eles podem, sem dúvida, enfrentar melhor do que eu — mas que, por diversas razões, talvez esteja em condições de vislumbrar mais claramente do que eles:

Refiro-me à crescente necessidade em que nos encontramos hoje de reajustar a um Universo renovado as linhas fundamentais da nossa Cristologia.

I. UMA PERSPECTIVA NOVA EM CIÊNCIA: A HUMANIZAÇÃO

Se quiserem falar numa língua inteligível e, mais ainda, persuasiva, aos nossos contemporâneos, é indispensável antes de tudo que os teóricos do Cristianismo compreendam, aceitem e amem a ideia nova de que o Homem moderno foi *cientificamente* levado a fazer de si mesmo.

Num grau inicial, esta ideia é a de uma dependência orgânica e genética que liga intimamente a Humanidade ao resto do Mundo. *O Homem nasceu, e cresce, historicamente, em dependência de toda a Matéria e de toda a Vida.* Concordo que este ponto ainda é incompletamente assimilado pela Filosofia e pela Teologia tradicionais. Mas tais dificuldades e lentidões (inerentes a qualquer mudança de pensamento) em nada alteram uma situação cujo carácter definitivo seria bom que os «doutores em Israel» realizassem no seu espírito. Hoje, a origem do Homem por via evolutiva (sendo o termo «evolução» tomado na sua acepção mais geral, e no plano estritamente experimental), essa origem evolutiva, dizia eu, já não oferece *qualquer dúvida* à Ciência. Capacitemo-nos bem: a questão já está resolvida — tão bem resolvida que continuar a discuti-la nas Escolas é perder tanto tempo como se ainda se deliberasse sobre a impossibilidade de a Terra girar.

Ora, enquanto permanecemos assim na retaguarda a bater-nos contra factos já estabelecidos, o problema científico do Homem não pára de avançar; e, sem esperar por nós, entrou agora numa segunda fase, onde a primeira encontra os seus desenvolvimentos naturais e o seu acabamento.

O século XIX e o século XX (no seu dealbar) tinham-se empenhado sobretudo em elucidar *o passado* do Homem — consistindo o resultado das investigações em estabelecer com evidência que o aparecimento do Pensamento na Terra correspondia biologicamente a *uma «hominização da Vida»*. Eis agora que o feixe das pesquisas científicas, dirigido *para a frente*, sobre os prolongamentos do «fenómeno humano» está em vias de

* Ensaio incluído no tomo 10 das Obras Completas, *Comment je crois*, aqui apresentado na versão portuguesa da Ed. Notícias, *A minha Fé*, 2000, pág. 157-170

¹ Reflexões sobre a natureza da «acção formal» de Cristo no Mundo. Cf. Bonsirven: Rap. (noção histórica judaica) = constituição da *era messiânica* (noção que aparece após o Egipto).

fazer aparecer, nesta direcção, uma perspectiva ainda mais assombrosa: a de *uma «humanização» progressiva da Humanidade*.

Passo a explicar-me.

Instintivamente, até aqui, propendíamos a representarmos a Humanidade como limitada, para o alto, por uma espécie de superfície de evaporação (a morte) através da qual as almas, produtos sucessivos das gerações, se escapam uma a uma — e desaparecem. Neste regime em estado de equilíbrio, não há qualquer ciclo de amplitude maior que o das vidas individuais. Assim entendida, a Humanidade perpetuar-se-ia, inclusivamente estender-se-ia, na Terra, mas sem mudar de nível, no decurso das idades.

Muito diferente é a figura que começam a descortinar os nossos olhos, de ora avante habituados à enormidade e à lentidão dos movimentos cósmicos.

Na óptica da antropologia moderna, o grupo humano já não forma um agregado estático de elementos justapostos, mas constitui um género de superorganismo, obedecendo a uma lei de crescimento global e definido. Semelhante nisto a qualquer outro vivente, o Homem nasceu não só como um indivíduo, mas *como uma espécie*. Há, pois, motivo para reconhecer e estudar nele, para além do ciclo do indivíduo, *o ciclo da espécie*.

Os cientistas ainda estão longe de chegar a acordo sobre a natureza particular deste ciclo superior. Não creio enganar-me, porém, ao afirmar que cresce neles e se apresta a triunfar a ideia de que o processo biológico actualmente em curso na Humanidade consiste, específica e essencialmente, na elaboração gradual de uma consciência humana colectiva. Cada vez mais claramente, o fenómeno geral da Vida reduz-se, do ponto de vista bioquímico, à edificação progressiva de agrupamentos moleculares ultracomplexos e, por consequência, ultraorganizados. *Pela sua fracção axial, vivente, o Universo deriva, simultânea e identicamente, para o supercomplexo, o supercentrado, o superconsciente*.

Sob este ângulo (onde convergem e se resumem toda a Física, toda a Química e toda a Biologia modernas), o Fenómeno Humano adquire pela primeira vez, na Natureza, um sentido determinado e coerente. À cabeça da vida animal, no Passado, o indivíduo humano, com a suprema complexidade e a perfeita centredade do seu sistema nervoso. E, à cabeça da vida hominizada, no Futuro, a formação esperada de um agrupamento superior (de tipo ainda desconhecido na Terra), onde todos os indivíduos humanos se encontrarão, a um tempo, acabados e sintetizados.

Cada uma das nossas «ontogéneses» particulares tomada numa Antropogénese geral, na qual se exprime provavelmente a essência da Cosmogénese...

Esta visão parecerá louca àqueles dos meus leitores que não se familiarizaram com a imensidade, agora incontestável, dos abismos entre os quais evolui sem vertigem o pensamento científico moderno.

Repito e mantenho que, em substância, ela exprime simplesmente o que toda a gente começa a pressentir, e o que toda a gente pensará amanhã — para o maior risco (pensam uns) ou para o maior bem (pensam os outros, entre os quais me situo) da nossa Religião.

II. UM CONFLITO APARENTE NO PENSAMENTO CRISTÃO: SALVAÇÃO E EVOLUÇÃO

Enquanto se tratava apenas da estrutura da Matéria, ou da enormidade do Espaço, os últimos progressos da Ciência puderam efectuar-se sem se repercutirem particularmente na paz dos crentes. Entre estas sensacionais revelações do Imenso e do ínfimo, e o dogma evangélico, as relações não eram sobejamente imediatas para serem logo sentidas. — No caso da «Humanização», o caso é bastante diferente. Aqui, um compartimento novo ou, melhor dizendo, uma dimensão a mais, vem de súbito alargar, quase sem limites, o Destino humano — compartimento e dimensão de que nenhuma menção explícita *se encontra no Evangelho*². Até então, o fiel aprendera a pensar, a agir, a temer, a adorar, *à escala da sua vida e da sua morte individuais*. Como irá ele, como poderá ele, sem ruptura dos quadros tradicionais, estender a sua fé, a sua esperança, a sua caridade, à medida de uma organização terrestre destinada a prosseguir ao longo de milhões de anos?...

Desproporção entre a pequena Humanidade que os nossos catecismos ainda figuram, e a grande Humanidade de que nos fala a Ciência; — desproporção entre as aspirações, as ansiedades, as responsabilidades tangíveis da existência consoante elas se exprimem numa obra profana ou num tratado de religião... Não se deve procurar noutro lado senão neste desequilíbrio (mais ou menos explicitamente sentido) a fonte profunda do mal-estar que

² Jesus anunciara-o: «Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Quando vier, o Espírito da Verdade guiar-vos-á para a verdade total...» Jo, XVI, 12-13. (N. do E.)

hoje em dia pesa sobre tantas inteligências e consciências cristãs. Contrariamente a uma opinião comum, não é a descoberta científica das humildes origens humanas, mas antes a descoberta, igualmente científica, de um prodigioso futuro humano, que perturba hoje os corações e que deveria, por consequência, preocupar acima de tudo os nossos modernos apologetas.

Ora como se coloca a questão para a Teologia do ponto de vista técnico?

No conjunto, podemos afirmar que, para transpor a crise de reajustamento pela qual passamos, já se enxerga uma saída triunfal. Prolongadas logicamente até ao fim de si mesmas, as perspectivas científicas da Humanidade determinam, no topo da antropogénese, a existência de um centro ou foco último de Personalidade e de Consciência, necessário para dirigir e sintetizar a génese histórica do Espírito. — Ora este «ponto Ómega» (como lhe chamei) não é porventura o lugar ideal donde fazer irradiar o Cristo que adoramos — um Cristo cuja dominação sobrenatural se duplica, como sabemos, de um poder físico preponderante sobre as esferas naturais do Mundo? «In quo omnia constant³.» — Extraordinário encontro, em verdade, dos dados da Fé com os empreendimentos da razão! O que parecia ameaça torna-se confirmação magnífica. Longe de interferir com o dogma cristão, as ampliações desmedidas que o Homem acaba de receber na Natureza teriam assim como resultado (se as levarmos ao máximo) conferir à Cristologia tradicional um acréscimo de actualidade e de vitalidade.

Aqui, no entanto, surge uma dificuldade de fundo onde reside o ponto preciso sobre o qual devem dignar-se reflectir os profissionais a que me dirijo.

Tomados *materialmente* na sua natureza de «Centros universais», o Ponto Ómega da Ciência e o Cristo revelado coincidem — como acabo de dizer. Todavia, considerados *formalmente*, no seu modo de acção, serão verdadeiramente assimiláveis um ao outro? Por um lado, a função específica de Ómega é a de fazer convergir sobre si, para as ultra--sintetizar, as parcelas conscientes do Universo. Por outro lado, a função crística (sob a sua forma tradicional) consiste essencialmente em reerguer, em reparar, em salvar o Homem de um abismo. Aqui, uma salvação, pelo perdão obtido. Ali, um acabamento, pelo êxito de uma obra realizada. *Aqui, um resgate. Ali, uma génese.* Os dois pontos de vista serão transponíveis para o Pensamento e para Acção? — Por outras palavras, poderemos passar, *sem deformação para a atitude cristã*, da noção de «*Humanização por Redenção*» à de «*Humanização por Evolução*»?

Eis, se não me engano, o nó do problema religioso moderno, e talvez o ponto de partida de uma nova Teologia.

III. UM PROGRESSO TEOLÓGICO EM VISTA: A FACE CRIADORA DA REDENÇÃO

E aqui, antes de irmos mais longe, insistamos numa observação preliminar.

Na história da Igreja, é evidente e admitido que as noções dogmáticas e morais se aperfeiçoam continuamente, por explicitação e integração de certos elementos que, de acessórios que pareciam, se tornam gradualmente essenciais, ou até preponderantes. — Na análise do acto de Fé, o mecanismo intelectual da conversão, dominado outrora pela noção de milagre, explica-se principalmente nos dias de hoje pelo jogo de factores mais gerais e menos silogísticos, tais como a maravilhosa coerência estabelecida pela Revelação no sistema total do nosso pensamento e da nossa acção. Em matéria sexual, a teoria do casamento, centrada outrora no dever da propagação, tende agora a levar cada vez mais em conta uma complexão espiritual, mútua, dos dois esposos. Em matéria de justiça, o interesse dos moralistas, mais absorvido até aqui pelos problemas de direito individual, dirige-se com uma predilecção crescente para as obrigações de natureza colectiva e social. Nestes diversos casos e outros ainda, a Teologia evolui, não por adição ou subtracção ao seu conteúdo, mas por acentuação e atenuação relativas dos seus traços — culminando de facto o processo, todas as vezes, na emergência de um conceito ou de uma atitude mais altamente sintéticos.

Voltemos agora à questão particular que nos ocupa.

No dogma da Redenção, o pensamento e a piedade cristãos consideraram *sobretudo* até aqui (por óbvias razões históricas) a ideia de reparação expiadora. Cristo era *sobretudo* olhado como o Cordeiro carregado dos pecados do Mundo, e o Mundo *sobretudo* como uma massa decaída.

Mas o quadro *também* comportava, desde a origem, um outro elemento (este decisivo) de reconstrução, ou de recriação. Céus novos, uma Terra nova: tais eram, mesmo para um Agostinho, o fruto e o preço do sacrifício da Cruz.

Não será concebível — mais ainda, não estará em vias de acontecer que (em conformidade com o

³ «N' Ele tudo subsiste.» Col, I, 17. (N. do E.)

mecanismo da evolução dos dogmas, lembrado mais atrás) estes dois elementos, positivo e negativo, da influência crística intervertam os seus valores respectivos, ou até a sua ordem natural, na visão e na devoção dos fiéis guiados pelo Espírito de Deus?

Sob a pressão dos acontecimentos e das evidências modernas, o Mundo tangível e os seus prolongamentos adquirem certamente, nos nossos dias, um interesse crescente para os discípulos do Evangelho. Daí, na Religião, um renovo «humanista» que, sem rejeitar de modo nenhum as sombras, prefere no entanto exaltar a face luminosa da Criação. Assistimos e participamos, neste momento, na ascensão irresistível de um Optimismo cristão.

Ora como reage este Optimismo sobre a forma da nossa adoração?

Antes de tudo, num primeiro grau, Cristo tende cada vez mais a atrair-nos como Condutor e como Rei, tanto quanto como Reparador, do Mundo. Purificar, sem dúvida; mas, ao mesmo tempo, vitalizar: as duas funções, embora concebidas como independentes, já se apresentam ao nosso coração como equipolentes e conjugadas.

Mas já esta posição intermediária parece ela própria ultrapassada.

Interroguemos as jovens massas cristãs que despontam. Interroguem-nos a nós próprios. O desabrochamento, o impulso religioso que procuramos e esperamos todos, mais ou menos conscientemente, não deve acaso vir de uma Cristologia renovada onde a Reparação (por muito integralmente mantida que seja) passaria no entanto para o segundo plano («in ordine naturae») na operação salvífica do Verbo?... «Primário», consumir a Criação na união divina; e para isso, «secundário», eliminar as forças malfazejas de retrocesso e de dispersão. Não já expiar *primeiro*, e, por *acréscimo*, restaurar; mas criar (ou sobre-criar) *primeiro*, e, para tanto (inevitavelmente, mas incidentemente) lutar contra o mal, e pagar por ele. — Não será esta a ordem nova que adquirem invencivelmente para a nossa fé os factores antigos?

Sob este prisma, a passagem, a transformação que procurávamos entre Redenção e Evolução parece possível.

Um Baptismo onde a purificação se torna um elemento subordinador no gesto divino total de soerguer o Mundo.

Uma Cruz simbolizando, bem mais que a falta expiada, o ascenso da Criação através do esforço.

Um Sangue que circula e vivifica, mais ainda do que é derramado.

O Cordeiro de Deus que transporta, com os pecados, o peso dos progressos do Mundo.

A ideia de Perdão e de sacrifício mudada, por enriquecimento de si mesma, na ideia de Consumação e de Conquista.

Por outras palavras, o Cristo-Redentor perfaz-se, sem nada atenuar da sua face sofredora, na plenitude dinâmica de um CRISTO-EVOLUTOR.

Tal é a perspectiva que, decerto, se eleva no nosso horizonte.

OBSERVAÇÃO FINAL

Nesta senda, desde já aberta, é claro que não me compete — em boa verdade, não compete a ninguém — prognosticar com certeza até onde avançará o Cristianismo de amanhã.

Apresenta-se no entanto ao meu espírito uma possibilidade sobre a qual gostaria de insistir ao terminar.

Por mais divina e imortal que seja a Igreja, ela não pode escapar inteiramente à necessidade universal em que se acham os organismos, sejam eles quais forem, de se rejuvenescerem periodicamente. Após uma fase juvenil de expansão, todo o crescimento afrouxa e se torna estacionário. E inútil procurar noutro lado a razão do abrandamento de que se queixam as Encíclicas quando nos falam destes últimos séculos «em que a Fé arrefece». E que o Cristianismo já tem dois mil anos de existência e, por conseguinte, chegou para ele o momento (como para qualquer outra realidade física) de um rejuvenescimento necessário por infusão de elementos novos.

Ora, onde buscar o princípio deste rejuvenescimento?

Não noutro lado, a meu ver, senão nas fontes ardentes e ainda mal abertas da «Humanização».

A subida persistente da Humanidade no céu do pensamento moderno não tem cessado, desde há um século, de preocupar e perturbar os defensores da Religião. Eles procuraram constantemente refutar a realidade, ou diminuir o brilho, deste astro novo onde julgavam ver um rival de Deus.

Muito diferente, se não estou equivocado, é o significado do fenómeno; e, logo, muito diferente deve ser a nossa reacção perante ele.

Não só, diria eu, Progresso humano e Reino de Deus não se contradizem de modo algum; — não só as duas atracções podem alinhar uma pela outra sem se transtornarem; — mas de uma tal conjunção hierarquizada apresta-se verosimilmente a sair o renascimento cristão cuja hora parece biologicamente chegada.

Seria já muito se, justapostas uma à outra, num mesmo Universo, fé no Mundo e fé em Cristo fossem

conciliáveis, ou até adicionáveis. Mas podemos suspeitar e ambicionar algo de mais.

O grande acontecimento que se prepara, e que devemos ajudar, não seria afinal o facto de, alimentadas, engrandecidas, *fecundadas* uma pela outra, estas duas correntes espirituais fazerem emergir o Cristianismo, *por síntese*, numa esfera nova: justamente aquela onde, combinando em Si as energias do Céu e as da Terra, o Redentor virá colocar-se sobrenaturalmente, para a nossa Fé, no próprio foco onde convergem naturalmente, para a nossa Ciência, os raios da Evolução?

APÊNDICE PECADO ORIGINAL E EVOLUÇÃO

Reflectir sobre as relações possíveis entre Salvação cristã e Progresso humano é evidentemente, lá no fundo, recolocar o problema irritante, mas inevitável, das relações existentes entre Pecado Original e Evolução.

Sobre este ponto delicado, declaro expressamente, uma vez mais, que em nada procuro aqui prevenir ou influenciar as decisões da Igreja. Mas parece-me essencial insistir, junto dos Teólogos, para que fixem a atenção em dois pontos que já não podem omitir nas suas elaborações.

1) Em primeiro lugar, e por um feixe de razões simultaneamente científicas e dogmáticas, já não parece possível nos dias de hoje considerar o Pecado Original como *um simples elo* na cadeia dos factos históricos. Quer atentemos na homogeneidade orgânica de ora avante reconhecida pela Ciência ao Universo físico — quer reflectamos nas extensões cósmicas dadas pelo Dogma à Redenção —, impõe-se uma idêntica conclusão. Para satisfazer ao mesmo tempo os dados da experiência e as exigências da Fé, a Queda Original *não é localizável* num momento nem num lugar determinados. Ela não se inscreve no nosso passado como um «acontecimento» particular. Mas, transcendendo os limites (e afectando a curvatura geral) do Tempo e do Espaço, ela «qualifica» o próprio meio no seio do qual se desenvolve a totalidade das nossas experiências⁴.

Ela não se apresenta como um *elemento serial*, mas como *uma face* ou uma modalidade global da Evolução.

2) Em segundo lugar, depreende-se com clareza que, num Universo de estrutura evolutiva, a origem do Mal já não levanta as mesmas dificuldades (e já não exige as mesmas explicações) que num Universo estático, inicialmente perfeito. A razão, já não precisa, de ora avante, de suspeitar e de procurar «um culpado». Desordens físicas e morais não nascem porventura espontaneamente num sistema que se organiza, *enquanto* o dito sistema não está completamente organizado? «Necessarium est ut scandala eveniant⁵.» — Deste ponto de vista, o Pecado Original, considerado no seu fundamento cósmico (quando não na sua actuação histórica, entre os primeiros humanos) tende a confundir-se com o próprio mecanismo da Criação — onde vem representar a acção das forças negativas de «contra-evolução».

Não me aventurarei aqui a prognosticar as ressonâncias que estas perspectivas terão certamente um dia (para a significar e a engrandecer) sobre a *representação* que ainda fazemos da Falta Original⁶. Mas é absolutamente notável (e até «exaltante») poder já notar o seguinte:

«Seja qual for o passo em frente a que se decida o pensamento cristão, podemos afirmar que ele se dará no sentido de uma ligação orgânica mais estreita (ao mesmo tempo em coextensão e em conexão) entre forças de Morte e forças de Vida no interior do Universo em movimento — quer dizer, ao fim e ao cabo, entre Redenção e Evolução.»*

⁴ «Porque, se ao nível do Homem, o pecado (mal moral) apareceu inevitavelmente (de necessidade estatística, numa «população»), o certo é que ele apareceu e que um tal aparecimento pode ser olhado como tendo «contaminado» o «filó» humano; e, logo, que cada novo humano deve ser baptizado... *Carta do Padre Teilhard*, 19 de Junho de 1953. Cf. *Vues Ardentes*, p. 112, Éd. du Seuil. (N. do E.)

⁵ «E necessário que advenham escândalos.» O texto exacto da Vulgata, *Aí*, XVIII, 7, é: «Necesse est enim ut veniant scandala.» (N. do E.)

⁶ Condições agora impostas ao Pecado Original:

- 1) que torne *Cristo máximo*,
- 2) que permita, difunda, uma «activância» máxima.

* Pequim, 8 de Outubro de 1942.

Inédito (à excepção da parte publicada no caderno V da Associação dos Amigos de P. Teilhard de Chardin: *Le Christ Évoluteur*, Éd. du Seuil, 1966).